

Produção causa polêmica

A manutenção do forte ritmo de produção da indústria está no centro da polêmica sobre os próximos passos do Banco Central (BC) em relação à política de juros. A autoridade monetária vem demonstrando preocupação com o risco de descasamento entre oferta e demanda, o que pode pressionar os preços e colocar em risco o controle da inflação. No entanto, na avaliação de economistas ouvidos pelo **Correio**, a forte trajetória de aumento dos investimentos, mantida neste início de ano, será suficiente para elevar a capacidade produtiva do setor a um patamar razoável para atender a demanda. Hoje, essa utilização gira em torno de 85%.

Até o presidente Luiz Inácio Lula da Silva entrou ontem na polêmica. Durante reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), ele reconheceu que o consumo está muito aquecido, e que é preciso elevar a capacidade produtiva no país. "Todo mundo aqui sabe que é muito importante o crédito e o consumo continuarem crescendo, mas todo mundo sabe que é importante que cresçam os espaços na fábrica para produzir, porque na hora

em que houver um descompasso, todos sabemos que o risco é muito grande", afirmou.

De acordo com a economista-chefe do Banco Real, Zeina Latif, a aceleração do crescimento da produção de máquinas e equipamentos é uma ótima notícia para o BC. "Em 2004, o BC subiu os juros porque a demanda cresceu, elevou rapidamente a utilização da capacidade instalada e não havia investimentos programados desde 2001, o ano do apagão (elétrico). Agora é diferente, o ciclo de investimentos começou em 2005 e se mantém até hoje", afirma.

Para ela, os indicadores mostram que a demanda interna continua em patamares elevados, mas tende a arrefecer ao longo deste ano. O índice de novas encomendas junto ao setor produtivo, calculado pela instituição, está hoje em 53,7 pontos, quase 9% a menos que o patamar recorde de 58,9 pontos, registrado em outubro do ano passado. Segundo Zeina, esse comportamento, aliado aos investimentos que ampliam a capacidade produtiva da indústria, ajuda a reduzir a pressão sobre os preços.

Na avaliação do economista Leonardo Mello de Carvalho, pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), não há no momento motivos para o BC elevar a taxa básica de juros (Selic), hoje em 11,25% ao mês. "Seria precipitado. O nível de investimentos está bastante elevado desde 2006, principalmente nos setores que operam com maior grau de utilização da capacidade instalada", sustenta.

Para Júlio Gomes de Almeida, do Iedi, o forte aumento dos investimentos descarta qualquer risco de pressão nos preços industriais por conta da baixa oferta. "O jogo entre oferta e demanda estava 1 x 0 para a demanda, mas com esse nível de investimentos podemos afirmar que a oferta virou o jogo para 2 x 1", afirma. "O Banco Central deve manter a vigília permanente, mas não há razões para aumentar os juros agora", defende. O Comitê de Política Monetária (Copom) do BC se reúne nos próximos dias 15 e 16. A última reunião do semestre será nos dias 3 e 4 de junho. (MT)